



UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ  
CAMPUS UNIVERSITÁRIO DE ABAETETUBA  
FACULDADE DE CIÊNCIAS DA LINGUAGEM  
CURSO DE LETRAS- LÍNGUA PORTUGUESA

NATIELLY CRISTINE BELO CARDOSO

**Resenha descritiva:** linguagem, discurso e poder – ensaios  
sobre linguagem e sociedade

ABAETETUBA  
2022

NATIELLY CRISTINE BELO CARDOSO

**Resenha descritiva: linguagem, discurso e poder- ensaios  
sobre linguagem e sociedade**

Trabalho apresentado à Faculdade de Ciências da Linguagem do Campus Universitário de Abaetetuba da Universidade Federal do Pará, como requisito para a conclusão do curso de Licenciatura em Letras- Língua Portuguesa.

Orientador: Prof. Drº. Alessandro Nobre Galvão

**Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) de acordo com ISBD  
Sistema de Bibliotecas da Universidade Federal do Pará  
Gerada automaticamente pelo módulo Ficat, mediante os dados fornecidos pelo(a)  
autor(a)**

---

C268r Cardoso, Natielly Cristine Belo.  
Resenha descritiva : : linguagem, discurso e poder -  
ensaios sobre linguagem e sociedade / Natielly Cristine Belo  
Cardoso. — 2022.  
10 f.

Orientador(a): Prof. Dr. Alessandro Nobre Galvão  
Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) -  
Universidade Federal do Pará, Campus Universitário de  
Abaetetuba, Curso de Língua Portuguesa, Abaetetuba, 2022.

1. Linguagem e sociedade. 2. Discurso e relações  
de poder. 3. Educação. 4. Relações internacionais. I.  
Título.

CDD 410

---

VIANA, Nildo. **LINGUAGEM, DISCURSO E PODER – ENSAIOS SOBRE LINGUAGEM E SOCIEDADE**. Nildo Viana. Pará de Minas, MG: Editora Virtualbooks, 2009. 100 p.

Resenhado por  
Natielly Cristine Belo Cardoso<sup>1</sup>

*Linguagem, Discurso e Poder - Ensaios sobre linguagem e sociedade*, é de autoria do sociólogo e filósofo brasileiro com extensa produção intelectual, Nildo Silva Viana. Seus textos partem de uma análise de orientação marxista da sociedade, na qual, considera a questão do capitalismo, exploração e luta de classes para tematizar a questão da linguagem e do discurso em sua relação com o poder, principalmente no âmbito educacional e das relações internacionais.

Trata-se de um conjunto de ensaios precedidos por uma breve introdução intitulada “*O exercício do poder através da linguagem: uma breve apresentação*”, onde o autor enfatiza especialmente o caráter social da linguagem. No ensaio “*Discurso e Poder*”, o foco é apresentar uma definição para o termo discurso e a sua relação com o poder. O ensaio “*Educação, Linguagem e Preconceito Linguístico*”, visa discutir o preconceito linguístico como resultado das relações de dominação e desigualdade presentes no sistema educacional. Por fim, o ensaio “*Linguagem, Poder e Relações internacionais*” aborda a questão da linguagem e poder na dinâmica internacional a partir da emergência do capitalismo.

O autor introduz o leitor enfatizando que a linguagem é parte integrante da sociedade, assim como a consciência é para os sujeitos sociais. "A linguagem é social. Como fenômeno social, linguagem e sociedade são indissociáveis" (VIANA, 2009, p. 5). Assim como o poder é também uma forma de relações social, pois ele atravessa todos os níveis da sociedade moderna em contextos típicos de “dominantes e dominados” (VIANA, 2009, p.5). Nesse sentido, o autor afirma que uma das formas de exercício do poder é por meio da cultura e da linguagem, assim, “língua, discurso e poder estão organicamente ligados na sociedade moderna” (VIANA, 2009, p.5).

Para Viana (2009), a relação entre discurso e poder se materializa em dois aspectos: "o discurso reproduz o poder" e "o poder censura o discurso". Portanto,

---

<sup>1</sup> Graduanda do Curso de Letras – Língua Portuguesa pela Universidade Federal do Pará. E-mail: nattycristine25@gmail.com

segundo ele, definir o conceito de linguagem e distingui-lo do discurso é o primeiro passo para compreender essa complexa relação. O autor, assim como Edward Sapir, vê a linguagem como um modo específico de comunicação entre pessoas cuja a origem se baseia na "necessidade dos seres humanos de realizarem uma associação" (VIANA, 2009, p. 11), portanto, é uma relação social.

Segundo Viana as diferenças entre linguagem e discurso tem principalmente três aspectos: 1) A linguagem é um meio de expressão, enquanto a essência do discurso é a expressão; 2) A linguagem é polissêmica, enquanto o discurso é unissêmico; 3) A linguagem enfatiza o geral, enquanto o discurso enfatiza o individual. Em outras palavras, o discurso ocorre por meio da linguagem, e a linguagem é o veículo pelo qual o discurso é expresso. Portanto, "todo discurso é transmitido por meio da linguagem, mas a linguagem pode ser portadora de muitos discursos". (VIANA, 2009, p. 11)

Viana (2009) retoma algumas tentativas de definição do discurso, como a Émile Benveniste, que define o discurso como a existência de uma interlocução em que o falante tenta influenciar o ouvinte. O conceito foucaultiano, na visão de Viana (2009), dilui o discurso em uma "formação discursiva", uma abstração metafísica. Já a definição de Pêcheux se baseia na separação metafísica entre linguagem e discurso, que por sua vez, preserva a dicotomia saussuriana entre língua e fala.

Assim, para Viana (2009) essas concepções não contemplam uma definição suficiente para a questão do discurso. Logo, o autor define o discurso como uma forma particular e concreta de manifestação da linguagem. O qual, é constituído por um conjunto de elementos internos que formam a sua *estrutura*, e por um conjunto de elementos externos que formam sua *conjuntura*. Nesse contexto, o autor afirma que existem condições que possibilitam a formação de um discurso, e estas dependem fundamentalmente do contexto social e cultural em que o sujeito está inserido. Afinal, "o discurso é sempre manifestação discursiva de quem o profere. Ele é a manifestação de um ser consciente". (VIANA, 2009, p. 17)

Desta feita, entende-se que o discurso é construído em um contexto social e cultural, portanto, é permeado pela luta de classes. Assim, todo o discurso é colocado dentro do todo maior que é a sociedade que o produz e o determina. Isso é importante para entender o discurso e conseqüentemente, sua relação com o

poder. (VIANA, 2009). Viana analisa várias concepções para tratar mais detalhadamente a relação entre discurso e poder.

A análise do discurso, por exemplo, lhe dará várias contribuições. Pois, embasa uma compreensão que se relaciona com o estudo dos conflitos institucionais, históricos e sociais gerados pelo discurso, além de tratar da configuração do espaço discursivo no contexto do meio discursivo (VIANA, 2009). Foucault, From, Bakhtin, Bourdieu também fornecem elementos fundamentais para a análise de Nildo Viana acerca do discurso como resultado das relações de poder na sociedade contemporânea.

Viana (2009) destaca a concepção metafísica do poder e evoca os conceitos de exclusão, interdição, separação e rejeição presentes na obra de Foucault e também aborda a luta de classes em torno dos signos linguísticos como trata Bakhtin. Nildo Viana dedica uma parte do ensaio para destacar a existência de filtros sociais que agem no processo de censura da consciência na sociedade, tal como apresenta From. Para Viana (2009) Bourdieu contribui ao atentar para o fato de que os discursos não servem somente à classe dominante, mas também aos especialistas que os produzem, como é o caso do discurso científico.

Assim, Viana (2009) conclui sobre a relação entre discurso e poder ao considerar que numa sociedade dividida em classes sociais, onde as relações de poder são mais evidentes, os conflitos de classe permeiam o discurso. Este, por sua vez, pode assumir o papel tanto de reprodução do poder da classe dominante quanto de manifestação do poder ao censurar outros discursos ou se opor e contrariar os discursos dominantes. (Viana, 2009). Para dar continuidade ao entendimento dos conceitos abordados até aqui, o ensaio seguinte irá discutir como o poder e linguagem estão relacionados com a educação.

De acordo com Viana (2009), a relação entre educação e linguagem é complexa. O cerne desta relação reside na influência dos modos de produção capitalista na sociedade moderna. A escola surge como a instituição responsável por desenvolver a socialização do indivíduo a partir de uma educação formal. A qual, visa repassar um conjunto de condições necessárias para que o sujeito reproduza a sociedade vigente. A socialização promovida pela escola irá se distinguir socialmente conforme a crescente divisão social e intelectual do

trabalho. Assim, a educação formal passa ser destinada de duas formas: para a formação da força de trabalho das classes exploradas e para o saber técnico e especializado, privilegiando a classe dominante. Nesse processo, evidencia-se uma divisão e hierarquização social baseada nas condições de acesso à educação escolar. O que torna a linguagem um fator essencial no processo de ascensão social. (VIANA, 2009)

Nesse sentido, o autor afirma que a linguagem assume importância fundamental no processo educacional. A começar, pela distinção entre língua culta e língua popular e por conseguinte, entre linguagem técnica-científica e linguagem comum. Viana (2009) afirma que “estas formas de linguagem marcam distinções sociais sendo constituídas socialmente”. Sendo a língua popular ou comum um produto das relações sociais concretas, principalmente oral. Já a língua culta, ou técnica-científica, é produzida e imposta pelas classes dominantes, e ligada diretamente à escrita.

Viana (2009) destaca a importância da relação entre escrita e divisão de classes sociais, uma vez que a gramática emerge da linguagem escrita. Isso é usado para padronizar o processo de uso do idioma, o que efetivamente torna o idioma da cultura dominante um idioma padrão que todos devem seguir. Dessa forma, a língua padrão e o domínio da escrita atendem aos interesses da classe dominante, assumem o papel de instrumentos de poder e reproduzem desigualdades sociais como o preconceito linguístico.

Para o autor, o preconceito linguístico está relacionado diretamente com o sistema educacional, visto que, a escola é o principal meio de imposição da língua padrão (Viana, 2009). Neste caso, pode-se compreender o preconceito linguístico como o menosprezo pelas formas de expressão linguísticas ditas “não-padrão” utilizadas por indivíduos das classes subordinadas. Em outras palavras, significa considerar inferiores os sujeitos e os modos de expressão que não se adequam à cultura linguística padrão.

Definido este conceito, o autor afirma que a origem do preconceito linguístico está na distinção dos modos de expressão da linguagem como “certo” ou “errado”. Tendo em vista, sua base social de realização na dominação cultural e imposição

linguística influenciadas pelos modos de produção capitalista e a sua base

concreta de reprodução no sistema escolar (Viana, 2009). Diante disso, Viana analisa dois posicionamentos que remetem a possíveis propostas de combate ao preconceito linguístico, ele contrapõe as ideias de Marcos Bagno e José Hildebrando Dacanal, para então, apontá-las insuficientes.

Segundo o autor, Bagno sinaliza para um avanço no ensino da língua ao propor uma mudança de atitude enfatizando o letramento e a reflexão linguística com o intuito de dissolver o preconceito linguístico. Contudo, perde a radicalidade ao considerar a necessidade de uma nova gramática baseada na língua culta, mudando apenas a forma de conceber a linguagem coloquial (Viana, 2009). Já Dacanal, contribui ao enfatizar a relação entre língua e dominação de classe, porém, se limita ao observar o processo de ascensão social do sujeito propondo o ensino de um “código urbano culto” (Viana, 2009).

Diante disso, Viana se posiciona e afirma que uma proposta possível seria “um projeto de profunda reforma da língua padrão [...] uma nova gramática fundada na flexibilidade, englobando a linguagem coloquial e na redução do seu arsenal normativo,” (VIANA, 2009, p 42). Desta maneira, a escola como meio de socialização possibilitaria reais condições às classes exploradas de lutarem pela mudança social. Diante de todas as reflexões apreendidas sobre a influência da linguagem como instrumento de poder no sistema educacional, Nildo Viana lança mão a uma abordagem histórica da relação entre língua e poder a nível internacional.

Neste ensaio, Viana (2009) no remete ao fato do desenvolvimento capitalista ter desencadeado uma série de transformações no âmbito das relações internacionais. Essas mudanças impactaram várias esferas da sociedade, dentre elas a linguagem. Desta forma, Viana (2009) aborda as relações linguísticas a partir da emergência do capitalismo e como elas influenciaram significativamente a relação de dominação entre Estados-Nações e algumas etnias. De maneira que a dominação linguística advinda desse processo reverbera até os dias atuais e necessita de uma perspectiva de superação.

Segundo Viana (2009), o processo de dominação linguística se inicia no período colonial. A exploração internacional abre espaço para um processo intenso de dominação de países imperialistas, que impõe seus modos de produção e suas línguas aos países colonizados. Sendo assim, “a subordinação

social é acompanhada por uma subordinação linguística” (VIANA, 2009, p. 45). Viana evoca as contribuições de Louis-Jean Calvet para discutir as relações linguísticas instauradas a partir do processo de colonização.

A partir da discussão de Calvet (2004), Viana explica que a dominação linguística se estabelece inicialmente com o “direito de nomear”. Os colonizadores menosprezam a autodenominação nativa e nomeiam arbitrariamente os colonizados (Viana, 2009). No Brasil, por exemplo, os primeiros habitantes foram denominados “índios” devido ao equívoco dos navegadores portugueses ao pensarem ter encontrado a região das Índias.

A partir disso, o processo se intensifica com a definitiva implantação do arsenal administrativo e ideológico dos colonizadores na região colonizada. Logo, os exploradores formam alianças com os representantes da população nativa, sendo estes os primeiros adotarem a língua do colonizador. Portanto, pode-se afirmar que esta é a primeira fase de um fenômeno encunhado por Calvet de *glotofagia*. (Viana, 2009)

Conforme Viana, etimologicamente, *glotofagia* significa a “deglutição de uma língua”, trata-se de um processo de destruição de idiomas. Este processo está incorporado a um fenômeno mais amplo, o *etnocídio*. Haja vista que, o idioma nativo de uma etnia ou comunidade está diretamente relacionado às relações sociais (tradições, rituais, identidade, etc.) de um povo. Logo, nos países onde a maior parte da população nativa foi dizimada, o processo da *glotofagia* se efetivou de forma mais rápida. (Viana, 2009)

Portanto, de acordo com o autor, a glotofagia é um processo que acompanha o desenvolvimento capitalista, o que significa que o sistema colonial deu origem a diversas línguas que se tornaram dominantes no mundo e ainda hoje continuam efetivando a *glotofagia* de diversos idiomas. É justamente nesse contexto que surge a disputa global pela hegemonia linguística, agora entre países imperialistas. (Viana, 2009)

Instaura-se uma nova competição linguística internacional, agora entre idiomas dominantes, pois cada país colonizador impôs seu idioma aos países colonizados. No século XVIII, a supremacia da língua inglesa acompanha o desenvolvimento capitalista, a Inglaterra que por muito tempo foi a grande potência econômica mundial, é substituída por sua ex-colônia Estados Unidos. Assim, a

dominação norte- americana pelo o globo intensifica a hegemonia do inglês nos países subordinados. (Viana, 2009)

A partir deste momento, torna-se evidente o papel do imperialismo cultural no processo de exploração internacional e conseqüentemente da dominação linguística. A produção cultural, artística e científica é concentrada nos países imperialistas e são comercializadas como mercadorias culturais (livros, obras de arte, filmes, etc.) reproduzindo uma super valorização da cultura norte-americana. O que no plano linguístico reflete de forma mais ampliada, pois além da escola reproduzir a língua dominante, os meios de comunicação produzem bens culturais que chegam aos países subordinados na língua inglesa. (Viana, 2009)

Para observar a supremacia do inglês na cultura mundial, Viana (2009) evidencia exemplos como a obrigatoriedade do ensino do inglês nas escolas brasileiras, assim como expressões linguísticas inglesas penetraram no vocabulário português em formas de gírias, brincadeiras, mesclas etc. Além disso, há uma exigência de um resumo em inglês (*abstract*) nas publicações científicas brasileiras, e nas seleções para mestrado e doutorado é necessário o domínio da língua inglesa, em algumas raras exceções se opta pela língua mais próxima, como o espanhol.

Então, Viana aponta para uma perspectiva libertária frente à dominação linguística, ao defender o *esperanto* como uma possível proposta de resistência à supremacia linguística imposta pelo processo de exploração internacional impulsionada pela intensa expansão capitalista. Segundo VIANA (2009, p 52) “o *esperanto* é uma língua considerada ‘artificial’, pois não foi produto coletivo de uma determinada sociedade e sim de um indivíduo”. Seu fundador Ludwik Lejzer Zamenhof publica em 1887 sua obra apresentando a nova língua sugerindo os benefícios da adoção do *esperanto* como uma língua internacional.

Os principais argumentos dos esperantistas são a facilidade em aprender a língua, já que ela possui apenas dezesseis regras; o fato de ser uma língua neutra; a possibilidade de facilitar a comunicação mundial ao adotar o *esperanto* como segunda língua em todos os países, não havendo necessidade de um indivíduo aprender vários idiomas, além da poupança de recursos gastos com traduções. (Viana, 2009).

Viana, por sua vez, soma as argumentações ao reforçar que o *esperanto*

não é a língua dominante e nem oficial em nenhum país do mundo então ele não expressa a supremacia de um idioma sobre o outro. Desta forma, “a língua não seria um instrumento de reprodução de poder a nível mundial, além disso possibilitaria uma maior autonomia na produção cultural “(Viana, 2009, p. 53).

Contudo, mesmo com todos os esforços dos seus defensores o que permitiu uma certa disseminação científica, o *esperanto* nunca chegou a efetivar-se de forma que concretizasse sua expansão por meio do sistema oficial da maioria dos países (Viana, 2009). Dada a realidade, o autor exclama que a luta contra a dominação linguística consistirá em algumas derrotas, mas ainda assim, deve avançar, pois é necessário “substituir a língua enquanto forma de dominação pela língua enquanto forma de libertação” (VIANA, 2009, p. 54).

## REFERÊNCIAS

BLUNDI, B. A. dos S; NARDELLI, A. J. dos S. **Linguagem, poder e sociedade: a educação capitalista e o preconceito linguístico.** *Mosaico*. São José do Rio Preto, v. 17, n. 1, p. 458-474, 2018.

DUARTE, Roseane Kellen dos Santos. **O Inglês como instrumento do imperialismo: língua global e o processo de alienação.** 2018. Monografia (graduação) - Instituto de Humanidades e Letras, Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira, São Francisco do Conde, 2018.

MARTINS, Suely de Sousa; OLIVEIRA, Luiz Henrique de. **Linguagem e sociedade: um estudo sobre identidade(s) linguística(s), prestígio e preconceito linguístico.** *Miguilim – Revista Eletrônica do Netlli*, Crato, v. 9, n. 2, p. 120-135, maio-ago. 2020. Disponível em: <<http://periodicos.urca.br/ojs/index.php/MigREN/article/view/2301>>

SANTOS, D. **Uma resposta à questão do esperanto como proposta de língua universal sob a ótica da problemática das identidades.** *Revista de Letras*, Curitiba, 2010, n. 13, v. 12. Disponível em: <<https://periodicos.utfpr.edu.br/rl/article/view/2417>> Acesso em : 12 de Nov. 2022.

Silva, P. C. G., & Sousa, A. P. de S. **Língua e Sociedade: influências mútuas no processo de construção sociocultural.** *Revista Educação e Emancipação*, São Luís, v. 10, n. 3, set/dez.2017. Disponível em: < <http://dx.doi.org/10.18764/2358-4319.v10n3p260-285>> Acesso em: 07 de dez. 2022.